

# A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES EM EDUCAÇÃO FÍSICA E SAÚDE NO ÂMBITO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS

DR. ALAN GOULARTE KNUTH

Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL  
Professor Associado na Universidade Federal do Rio Grande – FURG  
Professor do Programa de Pós-graduação em Saúde Pública (FURG) e Educação Física da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

MS. RAUL VICTÓRIA

Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

DRA. DÉBORA DUARTE FREITAS

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS  
Professora do Instituto Federal Farroupilha - Campus Avançado Uruguiana – IFFAR

**Resumo** | Sustentamos a pertinência de considerar as redes sociais digitais no âmbito dos espaços formativos escolares em Educação Física. De uma perspectiva pós-estruturalista, sinalizamos a produção de subjetividades no acionamento da saúde, a partir destes artefatos culturais e assumimos o sentido da resistência. Apontamos a regularidade de dois eixos em torno da Educação Física e saúde no Instagram: a racionalidade individual calcada nas escolhas tomadas como saudáveis e a prevalência de produtos e serviços. Ao propormos a desestabilização destes eixos, perseguimos a saúde como bem comum coletivo e pautamos o olhar para as desigualdades de acesso à Educação Física, reivindicando a potência da diferença ao pensar os temas da saúde por meio das redes sociais digitais.

**Palavras-chave** | Instituições acadêmicas; Mídias sociais; Educação física.

## THE PRODUCTION OF SUBJECTIVITIES IN PHYSICAL EDUCATION AND HEALTH WITHIN THE SCOPE OF DIGITAL SOCIAL NETWORKS

**Abstract** | In the paper, we support the relevance of considering digital social networks in school spaces for Physical Education. Based on a post-structuralist perspective, we emphasize the production of subjectivities in the activation of health based on these cultural artifacts, and we point towards the possibility of pedagogical resistance. We propose the regularity of two axes around Physical Education and health on Instagram: the individual rationality based on the choices and the prevalence of products and services. In proposing the destabilization of these axes, we pursue health as a collective common good and focus on the inequalities in access to Physical Education, claiming the power of difference when thinking about health issues through digital social networks.

**Keywords** | Schools; Social media; Physical education.

## LA PRODUCCIÓN DE SUBJETIVIDADES EN EDUCACIÓN FÍSICA Y SALUD EN EL ÁMBITO DE LAS REDES SOCIALES DIGITALES

**Resumen** | Apoyamos la pertinencia de considerar las redes sociales digitales en el ámbito de los espacios formativos escolares en Educación Física. De una perspectiva posestructuralista, señalizamos la producción de subjetividades en el accionamiento de la salud, desde esos artefactos culturales y asumimos el sentido de resistencia. Hacemos apuntes de la regularidad de dos ejes em torno de la Educación Física y salud en Instagram: la racionalidad individual basada en las elecciones y la prevalencia de productos y servicios. Al proponernos la desestabilización de esos dos ejes, perseguimos la salud como bien común colectivo y pautamos la mirada para las desigualdades de acceso a la Educación Física, reivindicando la potencia de la diferencia al pensar los temas da salud a través de las redes sociales digitales.

**Palabras clave** | Instituciones académicas; Medios de comunicación sociales; Educación física.

*“Para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente.” FOUCAULT (2018, p. 360)*

## PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Estima-se que 79,1% dos domicílios brasileiros tenham acesso à internet e em 99% dos casos ele se dê por meio de smartphones e similares (IBGE, 2020), ainda que haja desigualdade na qualidade da conexão. Em relação às redes sociais digitais, há 140 milhões de usuários ativos no Brasil, apontando mudanças nas formas de interação, de comunicação e de informação a que temos sido submetidos na Contemporaneidade. Dentro da área educacional, foco deste ensaio, as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC), podem, segundo a UNESCO (2020), contribuir para o acesso à educação, a qualidade de ensino e aprendizagem e o desenvolvimento profissional de professores. Além disso, as relações de trabalho, de divertimento, de relacionamento e de comportamento têm sido inscritas cada vez mais na esfera digital. Os docentes de Educação Física podem perceber estas alterações pelo próprio uso da internet em suas atividades pessoais e profissionais.

No contexto da pandemia de Covid-19 ocorreram diversas interações da Educação Física com as redes, como o debate em torno da essencialidade dos serviços de Educação Física, aulas escolares *online*, disseminação de *lives* debatendo as práticas corporais e atividade física no contexto do distanciamento social, configurando múltiplas subjetividades. Uma das facetas mais acionadas nas redes sociais digitais é a interlocução da Educação Física com a saúde que será ponto relevante de nossa problematização.

A temática da Educação Física e a interface com as mídias já se estabelece há algum tempo. O Grupo de Trabalho Temático (GTT) Comunicação e Mídia do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) sinaliza com riqueza essa conformação. Contribuições como a de Oliveira & Oliveira (2021), em artigo de revisão, vislumbram a Mídia-Educação como abordagem privilegiada para o trato do conteúdo midiático relacionado à cultura corporal nos espaços escolares.

O presente ensaio sustenta a pertinência das redes sociais digitais no âmbito dos espaços formativos escolares, considerando que educadores

e jovens podem promover análises críticas e sistemáticas sobre as mídias que estão utilizando (CALIXTO; LUZ-CARVALHO; CITELLI, 2020). De uma perspectiva pós-estruturalista, sinalizamos a produção de subjetividades a partir destes artefatos culturais e reivindicamos a possibilidade de trabalho pedagógico no sentido da resistência aos eixos aqui elencados.

## **REDES SOCIAIS DIGITAIS - INSTAGRAM**

Silva e Couto (2013) afirmam que as tecnologias digitais já são uma realidade no ambiente escolar; o desafio passa por entender as transformações que o mundo digital proporciona no processo de ensino-aprendizagem, não sendo os professores os únicos autores de informações e, tampouco, os alunos como passivos nesse processo. Este fenômeno, agora atualizado para a internet, também foi motivo para análises e desconfianças pela perspectiva do empobrecimento promovido pela indústria cultural das mídias, por exemplo, no caso da televisão.

Entre as redes sociais digitais está o Instagram, um aplicativo desenvolvido por Kevin Systrom e Mike Krieger em 2010 (CASTRO, 2014). A possibilidade de curtir, comentar, editar e compartilhar fotos, além do *layout* simples e dinâmico fizeram do Instagram um aplicativo que permite interações sociais diversas (CASTRO, 2014).

Além da produção de fotos e vídeos, que podem ser editados com efeitos e compartilhamento de localização, é possível seguir outros usuários para visualizar, curtir e comentar nas imagens, possibilitando ao sujeito ser observador e produtor de conteúdo. Desta maneira, o aplicativo se torna uma rede social à medida em que interações vão sendo feitas entre atores e suas conexões mediadas por dispositivos que tenham acesso à internet (RECUERO, 2006). Nas redes sociais digitais diversos efeitos são produzidos pelas publicações e uma postagem, mesmo que de âmbito escolar vai alcançar pessoas que não pertencem unicamente a essa esfera e o contrário é verdadeiro.

No Instagram é possível utilizar as ferramentas “*publicação*”, “*story*”, “*reels*”, “*enquetes*”, “*ao vivo*” para se comunicar e assim demonstrar a

execução de exercícios físicos, reproduzir imagens de usuários em práticas, propor desafios de saúde e postar o cotidiano vinculado às práticas corporais e atividade física. Estas exposições nas redes ocorrem a partir de quaisquer perfis de usuários do Instagram, aqueles com ou sem formação em Educação Física, entidades e grupos de pesquisa associados ao tema.

## **PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E REDES SOCIAIS DIGITAIS**

A construção de um sujeito disciplinado, na Modernidade, implicava em um corpo controlado por tecnologias de poder capilares, microfísicas, estabelecidas dentro de um conjunto de regras e normas externas para a construção desse sujeito. No entanto, no modelo Contemporâneo novas formas de moldar a subjetividade emergem, já não tanto vinculadas a uma docilização dos corpos, mas sob novas formas de governo das condutas que se estabelecem a partir do desejo e de uma lógica empresarial de si mesmo. A subjetividade seria produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais. Logo, não estaria na oposição clássica entre sujeito individual e sociedade, mas numa trama complexa e desterritorializada; em certos contextos sociais a subjetividade se individualiza e em outras condições se faz coletiva (GUATTARI, 1992).

Novos modos de subjetivação estão sendo produzidos pautados em uma lógica que difunde o modelo empresarial para a vida íntima das pessoas. O capitalismo em sua fase neoliberal exige mais do indivíduo, que assume para si o sucesso ou o fracasso de suas decisões (FOUCAULT, 2010). O capitalismo atual “[...] se ergue sobre uma imensa capacidade de processamento digital e metaboliza forças vitais com voracidade inaudita, lançando e relançando constantemente no mercado novos produtos, serviços e subjetividades” (SIBILIA, 2015, p. 34). Essas novas subjetividades são cada vez mais descartáveis, transitórias e estão diretamente vinculadas às mudanças constantes do mercado.

Com as TDICs assumindo uma dimensão sem precedentes, nos parece ser esse um terreno fértil para práticas pedagógicas, visto que fazem parte da constituição das subjetividades contemporâneas.

Expressões como “eu deletei este dia da minha vida”<sup>1</sup>, “eu shippei eles”<sup>2</sup>, “fiz um upgrade no corpo”<sup>3</sup>, “os contatinhos”<sup>4</sup>, “eu buguei”<sup>5</sup>, “to off hoje”<sup>6</sup> entre outras, demonstram cada vez mais a relação que se estabelece entre as novas subjetividades e as tecnologias.

Guattari (1992, p. 14) afirma que “[...] as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes”. Para além de boa ou má, consideramos a internet e as redes sociais digitais como algo que produz novas formas de subjetivação, novos desejos e também novas demandas ao indivíduo e, portanto, se configuram como uma importante ferramenta formativa. A internet promoveu reconfigurações nos meios convencionais e deu abertura a outras ferramentas que podem ser consideradas aliadas à Educação, desde que assumidas de forma crítica e contextual.

As práticas e discursos amorfos, sutis, difusos (MASCARENHAS, 2018), articulados à lógica neoliberal, reverberam informações em saúde que assumem destaque nas redes. Muito além da substituição de uma sociedade disciplinar a uma sociedade de controle, vivemos uma coexistência de modelos interessados na automatização das subjetividades. Regidos pelo consumo, pelo interesse no corpo e pela projeção que as redes sociais digitais recebem em nosso tempo, situa-se aí a pertinência de análise para a Educação Física e saúde.

- 
1. Expressão que se refere a um dia difícil, para a pessoa “esquecer”.
  2. O “shipar” veio de “relationship”, relacionamento em português. Para chegar ao shipar, foi usado apenas o ship, que significa torcer, então quando você “shipa” um casal, quer dizer que você torce por ele.
  3. Essa expressão é utilizada quando alguém realiza um procedimento estético em seu corpo, na perspectiva que seria uma melhoria.
  4. Contatinho é uma expressão utilizada para alguém que lhe desperta interesse, atração afetiva-sexual.
  5. Bugar, assim como upgrade, advém da língua inglesa, bug é um jargão da informática que se refere a falhas em algum sistema. Logo, a pessoa “bugar” representa quando algo não sai como o esperado.
  6. Estar off significa indisponibilidade, estar desligado, fora de contato. Todas essas expressões podem assumir outros contornos ou compreensões de uso.

## EDUCAÇÃO FÍSICA E SAÚDE NO INSTAGRAM

“...professora, a senhora não faz ideia das coisas que acontecem fora do universo escolar, no Facebook” (OBSERVATÓRIO JOVEM - UFF, 2014).

Sem generalizar, defendemos a tese que há consistência em torno de dois eixos frequentes no Instagram quando a pauta é Educação Física e saúde: a racionalidade individual calcada nas escolhas saudáveis como forma de convencimento e engajamento dos usuários; e o ajustamento destes conteúdos à prevalência de produtos e serviços de um mercado vasto e competitivo. Estudos como os de Stolarski *et al* (2018) indicaram que perfis *fitness* de elevado alcance e sem formação acadêmica têm forte presença do *merchandising* de suplementos alimentares. Venturini *et al* (2020) ao acompanharem virtualmente nove musas *fitness* identificaram a tríade corpo-consumo-felicidade e demarcam a hashtag (#) “só depende de você”. Conde & Seixas (2021) analisam a exigência de desempenho máximo pela concorrência consigo e com os outros, típico dos mecanismos neoliberais. Sacramento (2016) diz que a promoção da saúde como um léxico comum nas mídias combinou hedonismo e ascetismo na acomodação de empreendedorismo e autorresponsabilização.

Em um tempo de compartilhamento constante, as práticas corporais e atividade física se tornam *posts* frequentes. Algumas expressões podem ser facilmente localizadas na esfera das postagens, tais como: segunda eu começo; tá pago!; *no pain, no gain*; busque sua melhor versão; seja maior que sua melhor desculpa; fecha a boca e treina; falta pouco para o verão; vença todos os dias. A vertente dura da promoção da saúde, baseada nos riscos epidemiológicos, tem sido implacável em produzir saberes articulando variáveis ao que é chamado estilo de vida (SACRAMENTO, 2016). Na era das doenças crônicas, os fatores de risco são elencados principalmente na perspectiva individual, biológica e comportamental. Esse emaranhado de saberes aciona as discursividades em torno do tabagismo, da alimentação, do uso do álcool e da atividade física etc., inundando os espaços sociais.

Numa sociedade da informação, consumista, a racionalidade que convida os indivíduos a tomarem responsabilidade por sua saúde e a desejarem isso encontra condições favoráveis no discurso da atividade física e saúde em uma rede como o Instagram. As estratégias moralizantes que não permitem desculpas ou adiamentos e que se valem da “demonstração” do envolvimento em atividade física nas redes são eficazes em mobilizar usuários, afinal, quem poderia desconsiderar a própria saúde?

Este enredo acaba fomentando o vasto mercado de bens e serviços que se apropriam das redes, onde são recomendadas aulas, atendimentos, mentorias com profissionais ou pessoas sem formação de âmbito superior consideradas influenciadoras digitais. Os serviços podem ser obtidos por meio de atividades presenciais ou virtuais. Também são frequentes as postagens com comparações do tipo antes e depois, geralmente apresentando fotos, vídeos, legendas com modificações em aspectos como percentual de gordura, aptidão física, peso corporal, definição e hipertrofia muscular. Profissionais e clientes respaldam os discursos, convidam demais usuários à mudanças de comportamento, gerando uma proliferação destes conteúdos. Além disso, a articulação com equipamentos, procedimentos, suplementos alimentares, produtos, aplicativos que se valem do discurso da saúde e também da qualidade de vida, beleza, longevidade etc.

Reafirmando a lógica neoliberal, tanto no discurso individual, quanto na amarra a produtos e serviços, ocorre uma circulação de mensagens de cunho rápido, prático, eficaz e disponível a cada necessidade. O chamado é para dar conta de tudo, ser bem-sucedido, vitorioso em relação às concorrências, e, obviamente, a atividade física acaba emplacando neste empreendimento. Conforme Conde & Seixas (2021) os *feeds* e as propagandas nas redes são ajustadas para obter um certo comportamento individual. A mudança de comportamento vai se transformando em produto e o indivíduo produzido vira uma mercadoria. Sacramento (2016) indica a base de mercado de nossa sociedade, mas ressalta principalmente a dinâmica concorrencial na formação de subjetividades marcadas pelo individualismo competitivo.

Entendemos que estes são motivos suficientes para que a temática receba atenção nos espaços formativos escolares, sendo as possibilidades de análise imensas. Não se pode perder de vista a possibilidade de resistência, de linhas de fuga do universo da internet. Existem pessoas sem perfis nas redes, outras que evitam estes conteúdos, algumas que reagem discordando, entre tantas possibilidades de ressignificação. Especificamente no Instagram há ferramentas como “silenciar” um perfil ou postagem, há a possibilidade de “deixar de seguir” determinado usuário ou bloqueá-lo, a colocação de lembretes definindo um tempo de uso máximo do aplicativo, entre outros escapes.

Retomamos Mascarenhas (2018) para dizer que não intentamos repertoriar práticas de resistência com uma única leitura possível. Ao atentarmos às subjetividades em um tempo de forte indução pelas redes, interessa-nos atravessá-las com problematizações, afinal, ao desconfiar das regularidades presentes nas redes digitais, abrimos o diálogo para outras possibilidades de vida. Seguimos interessados em refutar a automatização das subjetividades, reconhecendo a existência de projetos em disputa na Contemporaneidade.

Para que a racionalidade individual e a vinculação a bens e serviços sejam confrontadas, adotamos o seguinte sentido de resistência: a saúde como um bem comum, coletivo, multifacetada e um olhar para as desigualdades de acesso à Educação Física pelas lentes de gênero, étnico-raciais e condição socioeconômica, apostando nas diferenças. Ao adotar o olhar contestador para a Educação Física e desigualdades, por exemplo, acreditamos que outra saúde é possível. Outras tantas perguntas podem ser feitas: a saúde seria apenas algo individual ou transita desde o indivíduo ao coletivo, do público ao privado, dos direitos aos privilégios? Pode ser reduzida a um aspecto como a atividade física ou é atravessada pelo que consideramos condicionantes e determinantes dos modos de vida? A atividade física se apresenta somente em seus efeitos biológicos ou pode estar relacionada a questões culturais, de sociabilidade, de pertencimento? As pessoas estão em posições iguais para fazer escolhas saudáveis ou estas posições dizem muito sobre as desigualdades que constituem as

injustiças históricas do país? Como esses perfis *fitness* moldam padrões do que se desejar enquanto corpo mesmo com realidades distintas? Em que dimensão os padrões estabelecidos nas redes afetam o emocional dos adolescentes?

Convidamos a quem nos lê a seguir exercitando outros questionamentos. É possível acolher o sentido da saúde e o apreço pelo movimento como um bem comum e questionar os ditames moralizantes que insistem em nos cercar. Como coloca Sacramento (2016), saúde vai sendo menos um problema de Estado e mais uma obrigação moral do cidadão, e é importante a disposição para tensionar tal compreensão. A saúde, mesmo que certos usuários do Instagram tentem reduzir ao biológico, vai encontrar terreno na complexidade, na subjetividade, nos valores humanos e na necessidade de observar e demarcar a crueldade da vida desigual nesse país. No estudo de Stolarski *et al* (2018), os blogueiros *fitness* foram pessoas brancas, moradoras de grandes cidades e de aparente boa renda financeira. Venturini *et al* (2020) em análise das musas *fitness* concluem que a diferença é desconsiderada, a gordura é temida e o envelhecer é tomado como trágico. Onde foram parar as outras existências? Sustentamos que a Educação Física deva encarar estas questões e posicionar a análise sobre saúde na perspectiva do comum, do coletivo, do acesso, do direito, da atenção às desigualdades e do compromisso com a diferença. Nessa perspectiva, podemos questionar: os exercícios mencionados nas redes podem ser facilmente realizados por todas as pessoas? Ou ainda, a necessidade entre os praticantes/seguidores são todas iguais? De onde partimos para determinar esta necessidade - do indivíduo, de uma recomendação institucional? Para terminar, as manifestações da cultura corporal nas redes estão acionando os sentidos de gosto, experiência, aprendizado ou estão tomadas pelo discurso utilitarista e imperativo de cumprir uma recomendação de saúde?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que nem todo professor está familiarizado com as TDICs ou atua nas redes sociais digitais; talvez uma possibilidade seja demandar aos discentes que apresentem conteúdo das redes vinculados à saúde e partir daí. O interessante está em compreender que as redes sociais digitais pautam questões sobre saúde a todo o momento: *influencers*, profissionais, perfis *fitness* adotam mensagens de superação que se configuram em padrões corporais ideais, autculpabilização e com demandas que desconsideram as questões de cunho econômico, social, ambiental, político e, muitas vezes, se valem de apelo científico.

De maneira cada vez mais sutil e presente na vida íntima das pessoas, questões como essas vêm formando novas subjetividades. Não se trata mais de uma imposição externa do que se deve fazer em sua vida, como era a ênfase da sociedade disciplinar, cujo súdito deveria obedecer às ordens do rei. Trata-se de convencimento do sujeito em um modo que ele mesmo se autogoverne dentro das necessidades econômicas e do mercado. Aqui adotamos um recorte pela saúde, mas diversos outros temas interessantes para a Educação Física escolar podem ser desdobrados em uma roupagem crítica, considerando as redes sociais digitais. Se há um predomínio da racionalidade individual e a difusão de bens e serviços na saúde, que se faça o contraponto do coletivo, das condições e modos de viver distintos e desiguais e da perspectiva da diferença.

A querela de ampliar o enfoque se mostra atual e pertinente, pois se espalharam modos de funcionamento que apostam no individual, no desejo de ser *fitness*, no biológico, silenciando as análises de determinação social. Afinal, para onde nos movemos e o que nos mobiliza? A resistência, para nós, passa por contestar certos entendimentos colocados nas redes e estabelecer vozes dissonantes. Alguns perfis no Instagram têm protagonizado um movimento mais abundante ao tratar das interlocuções entre saúde e sociedade: @ojoioeotrigo @insta.act @educacaofisicaesaudecoletiva @papodeeducacaofisica @quebrandootabu @chapadinhasdeendorfina @saudentalcritica

## REFERÊNCIAS

CALIXTO, Douglas; LUZ-CARVALHO, Tatiana; CITELLI, Adilson. David Buckingham: a Educação Midiática não deve apenas lidar com o mundo digital, mas sim exigir algo diferente. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 127-137, 2020.

CASTRO, Rodrigo I. **Instagram: produção de imagens, cultura mobile e seus possíveis reflexos nas práticas educativas**. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPEL. Dissertação de Mestrado. Pelotas, 2014.

CONDE, Thais; SEIXAS, Cristiane. Movimento Body Positive no Instagram: reflexões sobre a estetização da saúde na sociedade neoliberal. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 136-154, jan./mar.2021

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I — a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: 34, 1992.

IBGE. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

MASCARENHAS, Leonardo. Biopolítica, Educação e Resistência na Contemporaneidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 1537-1554, out./dez. 2018.

Observatório Jovem - UFF. **Uma escola entre redes sociais**. YouTube, 1 abr. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vP2o472pjNs>. Acesso em: 22 abr. 2021

OLIVEIRA, Fábio Souza; OLIVEIRA, Cláudio Márcio. Reflexões sobre os (não) usos das tecnologias digitais na educação física escolar. **Pensar a Prática**, v. 24, e64427, 2021.

RECUERO, Raquel. **Comunidades em Redes Sociais na Internet: proposta de tipologia baseada no Fotolog.com. 2006**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

SACRAMENTO, Igor. Saúde, estilo de vida e cultura de consumo num contexto neoliberal. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 1-5, out./dez. 2016.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SILVA, Ana Elisa Drummond Celestino; COUTO, Edvaldo. Professores usam smartphones: Considerações sobre tecnologias móveis em práticas docentes. **Anais eletrônicos 36ª Reunião Nacional da ANPEd**. Goiânia: 2013. p.1-16.

STOLARSKI, Graciele; LUCENA, Tiago; MILANI, Rute; OLIVEIRA, Leonardo Pestillo. Blogueiros fitness no Instagram: o corpo e o merchandising editorial de suplementos alimentares. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, out/dez. 2018

UNESCO. **TIC na educação do Brasil**, 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/ict-education-brazil>. Acesso em: 15 de mar. 2021.

VENTURINI, Ivana; JAEGER, Angelita; OLIVEIRA, Myllena; SILVA, Paula. Musas fitness e a tríade corpo-consumo-felicidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, e26003, 2020.

Recebido: 29 maio 2021

Aprovado: 20 julho 2021

Endereço eletrônico:

Alan Goularte Knuth

alan\_knuth@yahoo.com.br